

SOBRE PÂNICO MORAL, ALTERIDADE E TRIBALISMO: MÍDIA E CULTURA JUVENIL

Vinicius Silva Santos¹ (UFS)
Antônio Vital Menezes de Souza² (UFS)

INTRODUÇÃO

Ao longo dos últimos vinte anos foi possível observar que os fenômenos sociais sofreram diversas modificações, em especial, aqueles que se apresentam como elemento de forte influência na produção cultural do homem na cena contemporânea. É notável que o conjunto das práticas, modos de viver e socialização das experiências sociais passaram por grandes transformações. Para nós, interessa, aqui, apontar as interferências dos elementos constitutivos das práticas sociais, desde os pequenos elementos que foram sendo criados ao longo da trajetória do homem em contato com os meios técnicos³, os pequenos reflexos da produção cultural na vida cotidiana até os grandes fenômenos de interação social mediado por aparatos tecnológicos interativos que tomam conta da cena contemporânea. Nesse contexto, podemos citar a explosão de elementos tecnológicos imersos na relação entre as tecnologias da comunicação e informação e as experiências socioculturais.

Nesse sentido, como elemento ainda estranho, alheio e fugidio nos desperta o interesse os modos estilizados de interação presentes na cultura singular dos jovens contemporâneos. Nosso estudo, portanto, esbarra-se com um espaço tenso, por vezes

1 Mestrando em Educação (NPGED/UFS). Licenciado em Pedagogia. Especialista em Comunicação e Novas Tecnologias. Pesquisador e Membro do SEMINALIS – Grupo de Pesquisa em Tecnologias Intelectuais, Mídia e Educação Contemporânea. Campus Universitário Prof. Alberto Carvalho. Departamento de Educação de Itabaiana – DEDI. E-mail: vinnymil@yahoo.com.br

2 Doutor em Educação (UFBA). Professor Adjunto do Campus Universitário Prof. Alberto Carvalho. Departamento de Educação de Itabaiana – DEDI. Pesquisador e Líder do SEMINALIS – Grupo de Pesquisa em Tecnologias Intelectuais, Mídia e Educação Contemporânea. E-mail: a.vmsouza@yahoo.com.br

³ Nós citamos, como exemplo, o plano estratificado das práticas de conversação entendido como instrumento de linguagem para mais bem entender a formação dos agrupamentos humanos e a produção cultural nos dias de hoje.

pouco entendido, sobretudo, pela cultura do adulto, que ora o examina fenomenograficamente como uma reprodução de modelos contestadores dos imperativos normativos e morais; ora como rótulos e desvios em relação aos mesmos padrões supostamente hegemônico do *Mesmo, do Idêntico e do Semelhante*. Os valores morais, típico do humanismo clássico, assim, são conclamados a todo instante pela sociedade, resguardados como herança bem-feita que carregamos ao longo das nossas interpretações epistemológicas, fruto de paradigmas sociológicos que orientam toda uma forma de sentido e de interpretação baseada num pensamento clássico, racionalista e universal. Em tais quadros de referência os atores sociais gerenciam o cenário da vida cotidiana, suas explicações e etnométodos (COULON, 1995) aos meios estruturais que pululam ao redor das práticas discursivas e experiências ordinárias. Por isso mesmo, nossa análise deve ser menos apressada e mais compreensiva quando exploramos heurísticamente esse estado de ser tão provisório, inédito, e, singular, que é a juventude contemporânea.

Desse modo, pensar na juventude contemporânea nos faz estreitar pontos de reflexão sobre os modos de vida e sobre a estética cultural que tais jovens produzem no cotidiano de suas relações. Ao nosso modo de compreensão sobre o fenômeno, a experiência da juventude como estilo de existência (Foucault, 2004) é algo inseparável do papel que as formas midiáticas exercem nesse universo de sentido que é complexo, líquido e marcante: a experiência de juventude. Sendo assim, não pretendemos retroceder numa análise factual que observa os jovens contemporâneos como meros consumidores dos novos elementos tecnológicos. Pretendemos refletir sobre os ciclos de *auto-retro-ações* relacionados à dinâmica da vida social emergente, considerando que a temporalidade da experiência juvenil é cada vez menos ligada ao tempo cronológico e sugere um aumento expressivo de tensões no manuseio e pertencimento dos espaços-territórios de relações,

construídos pelos mesmos atores sociais com a intensificação vibrátil de sentidos, alterados e difusos. Avaliamos assim, que ao analisar os jovens por meio de um olhar fatalista e redutor que vislumbra apenas as dimensões da produção capitalista e o consumo em massa, estamos voltando ao marco zero, energicamente falando, estamos condicionando um modo de ser jovem às velhas estruturas do pensamento clássico que os limitam às apreensões menores da lógica do pensamento redutor, classificatório. Nem por isso é relevante tornar novos fenômenos como a transitoriedade e fluidez de relações objetos desprezíveis, como se esse fenômeno, tão rico de pequenos fragmentos e situações experienciais maleáveis, fosse possível de ser estudado porque não conseguimos compreender suas dinâmicas de instauração no mundo real, mundo da experiência com o Outro. Nesse interstício, cabe destacar, a importância dos atores sociais, aqui, a juventude contemporânea e sua complexidade, e sua expressão revolucionária ao estilo polifônico como elemento decisivo para análise e compreensão dos movimentos menores que recontam os modos de vida, as formas de negação, alteração, superação, interiorização e explosão do que chamamos de uma nova sociologia das práticas humanas.

2 “MEIOS MIDIÁTICOS” E A SOCIALIDADE

O campo das práticas cotidianas, analisado através da busca de compreensão sobre os *estilos de vida* da juventude contemporânea, desafia à novas interpretações sobre os fenômenos sociais que incorporam o conjunto de interações criadas com as diversas formas técnicas, manuais e expansivas da cultura simbólica coletiva. Nessa dinâmica *esquizofrênica*, para utilizar um conceito de Gilles Deleuze, os meios midiáticos ganham lugar de destaque. As influências dos elementos técnicos nas porções cotidianas de vida dos jovens têm uma pressão, uma condição afetiva que faz desse estado de vida um meio

difuso das variantes humanas. Sendo assim, torna-se inconteste a emergência de apropriação e desenvolvimento de novos recursos metodológicos para entender essa realidade. Entendemos que, mais que procedimento da ordem do metodológico, é imprescindível não abrir mão de análises sistemáticas dos agenciamentos políticos menores, quando tratamos do cotidiano das interações sociais partilhadas por meio de tais elementos tecnológicos.

Por isso mesmo, é válido mencionar algumas reflexões sobre o que denominamos de meios midiáticos, diferenciando-o do termo *aparatos tecnológicos*. A diferença parece ser bem simples: ao se tratar de *aparatos tecnológicos* estamos exaltando o volume da forma, das técnicas, dos variados instrumentos técnicos, cuja dimensão formativa recai sobre aquilo que se apresenta como objeto de desejo e do consumo. Quando mencionamos o termo '*meios midiáticos*', além de estreitar a análise sobre a influência do conjunto de mídias nas situações cotidianas dos atores sociais, estamos evocando a força da palavra explicativa dos meios, que reafirmam, pois, a condição e o entendimento da função sobre utilização das mídias pelos sujeitos sociais. Basta tomar como ponto de análise duas construções de análise:

- 1) Sobre os aparatos técnicos: quando afirmamos que os sujeitos utilizam aparatos técnicos (de estruturas formais) nas suas ações cotidianas;
- 2) Sobre os meios midiáticos: quando nos perguntamos sobre quais os motivos, desejos e percepções que levam os atores sociais a utilizar os meios midiáticos no seu cotidiano. Nessa perspectiva, são várias as performances de interpretação sobre as mídias consideradas contemporaneamente como recursos de forte expressão comunicacional e informativa que integra a potencialidade de agenciamento entre os diferentes usuários que o manipula, absorve, apropria-se e o transforma.

Nesse entorno, o fenômeno da hipermidiatização das formas sensíveis, das experiências humanas, dos entrelaçamentos da vida virtual e real ganha destaque na iminente unidade encontrada nas reações de alteridade e intersubjetivação dos atores sociais. Tal fenômeno apresenta-se como ferramenta de diálogo necessária para os estudos

sobre a utilização das mídias e de sua presença marcante na vida das pessoas. Entretanto, esse fenômeno, tão visivelmente deflagrado tona-se, ainda, quase imperceptível, quando analisamos os feixes de forças que se aglutinam de modo mais instantâneo e disforme possível no campo das experiências socioformativas da juventude contemporânea. Nesse caso, é válido afirmar que a interatividade é fenômeno presente no conjunto de tais relações e que como tal muda substancialmente os modos das experiências das trocas simbólicas, estabelecidas entre os atores sociais por intermédio da linguagem. É válido então, reafirmar o desejo em problematizar, compreender as organizações microssociais que engendram as atividades esteticamente descritas nos fluxos de força de expressão que os corpos tribais coletivos imprimem às experiências de mundo. Para tal, faz-se necessário considerar o papel das normas estrategicamente instituídas como explicação da ordem social no campo da produção do pensamento científico, assim como sua superação. Por outro lado, quando pensamos nos fenômenos da cultura juvenil e os meios midiáticos, levando em consideração parâmetros interpretativos, conseguimos entender as dinâmicas das relações de força, da ação partilhada nos grupos sociais e a constituição de fenômenos como a formação sociocultural e as questões da alteridade.

Por isso mesmo focamos nosso olhar na necessidade da mudança dos alicerces epistemológicos, provocando reviravoltas situadas no campo da compreensão dos fenômenos que dizem respeito à utilização das tecnologias da comunicação e da informação, especificamente nesse trabalho, a utilização dos meios midiáticos pelos sujeitos sociais. Podemos definir os jovens contemporâneos, produtores/usuários de linguagem midiática, como sendo verdadeiros *ciborgues*, seres visivelmente estranhos à sociedade, recobertos sobre teias de linguagens de programação e usuários potenciais dos mais variados arquétipos referentes aos elementos técnicos disseminados no mundo.

Estamos falando, portanto, de uma linhagem de homens e mulheres, altamente adaptáveis as técnicas: eles se movem como agentes liquefeitos pelas veredas da cultura tecnológica. De outro modo, afirmamos que tais usuários conseguem fazer do ciberespaço uma casa concretamente volátil e provisória de criatividade, cuja expansão cognitiva é marca tempestiva de movimento, mudança, de quebra dos aparelhos normativos e intensa imprevisibilidade dos acontecimentos cotidianos. Talvez por isso mesmo, está sendo difícil o trabalho de aprisionamento desses corpos multifacetados num espaço-território como a escola, porque sua composição dura, predominantemente racionalista e sagaz não ausculta o processo de estilização da existência que liquefaz os *novos e sempre alterados modos de ser da juventude contemporânea*. Porquanto, é relevante destacar que nossa análise nos afeta e nos instiga profundamente na busca de entender os distintos modos singulares que os atores sociais juvenis utilizam através das ferramentas midiáticas como meio para estabelecer feixes de alteridade, socialização e experiências de socialidade entre si.

Nesse ínterim, queremos destacar algumas distinções sobre os conceitos de socialização e socialidade. Quando pensamos na socialização dos sujeitos sociais influenciados pela sociologia clássica, estamos situando o sujeito como um elemento cuja força de ação é altamente limitada pela estrutura da sociedade na qual se encontra. A noção de sujeito encontrada na teoria proposta por Dürkheim é um feixe de sentido, infelizmente, quase sempre partilhado por inúmeros intelectuais que se aproximam dos estudos sobre juventude e mídia. Para Dürkheim o sujeito se *estrutura* através dos fatos sociais. Os fatos sociais são vistos como coisas que, aos poucos, vai introjetando no indivíduo valores, normas e composições socioculturais próprias de um grupo social específico, orgânico e solidário. Nesse sentido o indivíduo se origina em meio às forças determinante da sociedade.

Nesse panorama, Dürkheim não estava preocupado em analisar os movimentos menores da sociedade e manteve sua análise baseada nos fundamentos estruturantes da sociedade. Essa visão estrutural se mantém em várias outras produções teóricas no campo da sociologia clássica. A produção de Weber, por exemplo, quando escreve a *Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*, mesmo abrindo mão de conceitos como ação afetiva⁴, estava pautada muito mais numa lógica da ação racional e tradicional dos expoentes de estrutura que condicionavam os comportamentos do sujeito. Até mesmo Karl Marx manteve sua visão arraigada na porção macroestrutural da sociedade, focalizando a estrutura capitalista que determina os processos menores como o papel dos indivíduos e sua produção de consumo. A partir de então é válido destacar que no campo das ciências humanas produzimos e continuamos envolvendo os olhos ávidos das pesquisas e dos objetos através dessas análises. Mais que uma crítica gratuita a tais pressupostos teóricos, nossa intenção é problematizar os horizontes construídos, observando a sua importância histórica e sua influência nos estudos atuais sobre juventude contemporânea no Brasil.

Nesse ínterim, o conceito de socialização, na visão de uma nova sociologia das práticas humanas, é explorado de outro modo através de perspectivas epistemológicas e metodológicas das microsociologias. Dessa forma, vamos nos ater ao conceito de socialização por meio da nova sociologia das práticas sócias, cujo alicerce ora se encontra na produção teórica de Jean Claude Forquin e nos desdobramentos da etnometodologia de Harold Garfinkel, Cicourel; ora nas produções da Escola de Chicago, no pragmatismo norte-americano, na Escola Interacionista Inglesa; ora no nascimento da Semiologia de Wittgenstein, Saussure, Pierce dentre outros. Nesse conjunto de discussões é preciso destacar que, em algumas dessas perspectivas, o processo de socialização dos atores sociais

⁴ Que buscava o estado de consciência ou humor do sujeito na sociedade.

deixa de lado a visão tradicional do inatismo, irracionalidade, aculturação, passando a ser esmiuçada como o jogo da linguagem que se constrói por meio das relações entre os atores sociais. Parafraseando Garfinkel, *o ator social não é um idiota cultural* determinado pelas estruturas sociais. Para nós tal perspectiva representa um salto na concepção das atividades e interpretação do processo de alteridade e cotidianidade das práticas sociais.

Desse modo, torna-se urgente a mudança sobre a compreensão dos conceitos relativos aos processos e experiências ordinárias dos atores sociais juvenis em contato com os meios midiáticos, quer seja a na apreensão de um único elemento da mídia ou a imersão quase que completa na constituição de subjetividades demarcadas pela presença hipermidiática de infovias, artefatos sociotécnicos e aparatos tecnológicos diversos. Assim sendo, durante o envolvimento no cotidiano das pesquisas, sobretudo, na formulação dos conceitos que analisam o tempo presente tem sido recorrente em nossas discussões no Grupo de Pesquisa em Tecnologias Intelectuais, Mídias e Educação Contemporânea – SEMINALIS- UFS/CNPq a busca por novos conceitos que mais bem explicitem a natureza de tais objetos que figuram as mídias e a formação da juventude contemporânea. Para tanto, fazemos referência ao conceito de Socialidade, de autoria do filósofo Francês Michel Maffesoli que desbrava um mundo cultural ousado e ao mesmo tempo inquieto dos jovens e suas narrativas.

Nessa perspectiva, a "socialidade" definir-se-ia como marca dos agrupamentos urbanos contemporâneos, colocando ênfase na "tragédia do presente", no instante vivido além de projeções futuristas ou morais. Ao conceito de socialidade interessam as relações banais do cotidiano, os momentos não institucionais, racionais ou finalistas da vida de todo dia. Isso a diferencia da sociabilidade que se caracteriza por relações institucionalizadas e formais de uma determinada sociedade. Por isso, pode-se falar em tragédia do presente ao

se referir ao conceito de socialidade. Mas, o que entender sobre a expressão “tragédia do presente”? A socialidade é para M. Maffesoli um conjunto de práticas quotidianas que escapam ao controle social rígido, que se inscreve numa perspectiva hedonista, tribal, sem perspectivas futuristas, enraizando-se no presente, no instante que retorna, que faz do agora, um eterno retorno. Portanto, pode-se afirmar que as relações que compõem a socialidade constituem o verdadeiro substrato de toda vida em sociedade, não só da sociedade contemporânea, mas de toda vida em sociedade. São aqueles momentos de submissão da razão à emoção de viver o "estar junto", explorando em comunidades virtuais a possibilidade da pertença que agrega determinado corpo social, como uma espécie de ritualísticos ou mesmo festivos modos de vida. Enfim, quando predominam as imagens e os portos de celebração entusiasta do presente que a todo instante se desfaz e é reconstruído como objeto estético, tribal, cultuado como porção menor do intensivo.

A socialidade se exprime como elemento cultural. São as multiplicidades de experiências, marcadas pela coletividade e não pela homogeneização ou institucionalização e racionalização da vida. Socialidade implica em ritualização festiva num movimento que engloba o erotismo, o passional, o imaginário e o violento. Logo, no conceito de socialidade é o tribal que sobressai, não o institucional. Dentre os vocábulos mais atrativos e proximais à idéia de socialidade, destaco: politeísmo de valores, teatralidade cotidiana, situações plurais, emocional, subjetivo, dionisíaco. Portanto, o conceito de socialidade se apõe radicalmente ao conceito de sociabilidade e socialização, justamente por afastar os fantasmas e imperativos normativos das relações sociais que são partilhadas nos diversos grupos sociais. Interessa a socialidade compreender os fenômenos sociais na sua dinâmica de vida instantânea, fugidia, dispersa, tribal. O tempo presente é visto como único meio

para estabelecer veículo de conversação entre tais corpos tribais e suas dinâmicas de afirmação, contestação, rebeldia, transfiguração e pânico moral.

3 CORPOS TRIBAIS, PANICO MORAL E OS FEIXES DE ALTERIDADE COLETIVA

O conceito de corpos tribais tem origem nas produções de Michel Maffesoli a partir da Sociologia Compreensiva, também, denominada Sociologia do Cotidiano. É a partir das imagens potencialmente demarcadas pela produção de sentidos culturais que os agrupamentos humanos estabelecem movimentos performáticos, ora direcionados pela *identificação primária*, ora pelo *distanciamento moral* de tais figuras do *sentido*. Nesse cenário, as temáticas da alteridade e do moralismo são efetivamente contrastadas pela composição singular do conceito de *tribalismo* maffesoliniano. O *tribalismo* é entendido como a característica cultural que reúne os indivíduos de grupos de identificação, baseado mais em escolhas compartilhadas do que na concepção moderna de identidade (MAFFESOLI, 1995, 1997, 2001), em torno de totens contemporâneos, como por exemplo, o futebol, a religião, as festas e, nesse caso, em nossa análise, os elementos e espaços-território das mídias.

O tribalismo contém os elementos da fragmentação, da efemeridade e do hedonismo. É importante destacar que nesse referencial teórico as formas de identificação remetem ao processo interativo dos diversos atores sociais e seus elementos ontológicos (uns se sobressaindo sobre os outros), cuja expressão mais fiel à teoria de Maffesoli é a denominada organicidade performática (MAFFESOLI, 1999: p. 315). Nestes termos, interessa-nos a presença de corpos tribais no sentido de carnalidade de tais performances. A organicidade performática implica em busca pela superação e acionamento da espetacularização: a tendência de adotar comportamentos, adquirir objetos simbólicos,

assumir posições ideológicas e abandoná-las com espírito hedônico, tribal, efêmero e portador de outros códigos de moral que causam aos ocidentais cartesianos, pânico, horror e asco. Em todo caso, o tribalismo e os corpos tribais funcionariam como componentes anárquicos numa cultura estilizada e seriam como estratégias que dispõem aos atores sociais distintos a possibilidade de identificar-se e sobressair-se em seus grupos sociais com a marca da singularidade que se multiplica a cada negação dos traços constituídos coletivamente através da identificação e do distanciamento.

A idéia de pânico moral tem sua gênese nesse contexto de reflexão. Fundamenta-se na interpretação das trocas interativas dos sujeitos sociais pertencentes à cultura dos grupos *Technos*. Ademais, sua elaboração surge justamente dos interstícios entre o gerenciamento das relações sociais e meios midiáticos. O pânico moral é a própria encarnação ao desapego dos imperativos normativos, leis, normas, condutas. No lugar desse imperativo, emergem explosivas tensões subjetivas que diferentes, novas, inéditas que são minuciosamente processadas por meio das relações de troca, pertencimento que se figuram nas tramas quando o ator social se permite fazer parte do grupo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, gostaríamos de destacar que a emergência de tais discussões repercute na rediscussão dos valores culturais. A formação sociocultural atrelada às mídias tornou-se um epifenômeno de larga constituição epistemológica que deve ser amplamente estudado pela comunidade científica contemporânea. O estudo sistemático das interações sociais através de novos conceitos torna-se fundamental na medida em que somos produtores-produzidos por todo um emaranhado que engendra tecnologicamente a comunicação à vida em seus processos mais tênues e intensos. Para tanto, acreditamos que toda a realidade

complexa desse novo cenário coloca à disposição novas ferramentas que nos fazem seguir em outras direções, novas paragens, novas linguagens, novos embates.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAUDRILLARD, J. **O sistema dos objetos**. São Paulo: Perspectiva, 2006.
- BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- _____. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- _____. **Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- CASTELLS, M. A Era da Informação: **Economia, Sociedade e Cultura**, Vol. I, A Sociedade em Rede. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2002.
- COSTA, R da. **A cultura digital**. 2 ed. São Paulo: Publifolha, 2003.
- COULON, Alan. **Etnometodologia**. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, Vozes, 1995.
- _____. **Etnometodologia e Educação**. Tradução de Guilherme João de Freitas
- GARFINKEL, Harold. **Studies in Ethnomethodology**. Cambridge England: Polity Press, 1984.
- HAGUETTE, Maria Teresa Frota. **A Etnometodologia**. In Metodologias Qualitativas na Sociologia. Petrópolis: Vozes, 1992.
- LÈVY, P. **A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço**. São Paulo: Edições Loyola, 1998.
- MAFFESOLI, Michel. **O conhecimento comum: introdução à sociologia compreensiva**. Porto Alegre: Sulina, 2007.
- _____. **O Tempo das Tribos**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.
- _____. A sociologia como conhecimento da socialidade. In: Barbosa, Joaquim G. (coord.). Multirreferencialidade nas ciências e na educação. São Carlos: EDUFSCar, 1998.
- _____. **A Contemplação do Mundo**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1995.
- _____. **No fundo das aparências**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.
- _____. O imaginário é uma realidade. **Revista FAMECOS** mídia, cultura e tecnologia, nº 15, agosto 2001.
- _____. Perspectivas tribais ou a mudança do paradigma social. **Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia**, Porto Alegre, n. 23, p. 23-29, abr. 2004.
- _____. **A Transfiguração do Político**. Porto Alegre: Sulina, 1997.